

DOCUMENTÁRIO E CIDADE: REPRESENTANDO FRAGMENTOS, CONSTRUINDO OLHARES

Maria Júlia Martins
Luciana Roça

Como citar esse texto: MARTINS, M. J. S.; ROÇA, L. S. Documentário e cidade: representando fragmentos, construindo olhares. **V!RUS**, São Carlos, n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=6&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

Maria Júlia Stella Martins é Pedagoga, Mestre em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, e pesquisadora do Nomads.usp. Investiga o campo das artes corporais contemporâneas e suas relações com o espaço público urbano.

Luciana Santos Roça é bacharel em Imagem e Som, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e pesquisadora do Nomads.usp. Pesquisa intervenções sonoras em espaços públicos, procurando integrar os campos disciplinares de Estudos de Som e de Arquitetura.

RESUMO

O vídeo documentário possibilita a construção de reflexões e aproximações sobre a cidade, podendo ser um método de aproximação das dinâmicas urbanas e também de expressão das mesmas. Este artigo discute e reflete sobre uso do audiovisual, em geral, e do documentário, em particular, como um meio que amplia e contribui para a compreensão da cidade. Para tanto, tem-se em perspectiva a produção da disciplina "Documentário e Cidade: pensamento crítico e experimentação", realizada através de uma colaboração entre o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e o Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação dos professores Marcelo Tramontano e Arthur Aufran, respectivamente. Incluem-se aqui os vídeos documentários produzidos pelos participantes da disciplina, cedidos gentilmente para publicação por seus realizadores e disponíveis para visualização no final do artigo. Ao possibilitar olhares e representações de mundo, o documentário estimula o entendimento de dinâmicas urbanas, além de repensar o fazer acadêmico, divulgação científica e relações entre Academia e Sociedade; e, enfim, por promover um autoexame do documentarista-pesquisador perante a cidade.

Palavras-chave: Documentário; Cidade; Ensino; Método de pesquisa.

Documentário e cidade: panoramas de uma proposta

Quando abordam-se questões sobre vídeo documentário algumas estratégias de linguagem utilizadas, tradicionais e convencionais, já vêm à mente em um primeiro momento: *voz over*, ou seja, um narrador com comentários, muitas vezes explicativos ou descritivos, entrevistas, uso de imagens de arquivo, além da noção de que o material apresentado corresponde muito mais ao “real” do que o filme de ficção. Contudo, a riqueza de recursos do vídeo documentário disponível para realizar “representações do mundo”, assim como colocado por Nichols (2010), ultrapassa essas estratégias que vêm à mente. Assim como Bill Nichols (2010, p. 48) aponta, “os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos”. A heterogeneidade do documentário é clara desde as primeiras décadas da história do cinema, com a musicalidade das imagens em *Berlim, sinfonia de uma metrópole*, de Walter Ruttmann, ou a irreverência de *À propos de Nice*, de Jean Vigo; no âmbito da produção brasileira contemporânea podemos citar documentários como o memorável *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho, ou *Morro dos Prazeres*, de Maria Augusta Ramos.

Para além de sua linguagem rica e complexa no âmbito do audiovisual, o documentário é uma forma tanto de refletir sobre a cidade através da discussão de sua produção, como também um método para se alcançar maior compreensão sobre ações, dinâmicas e particularidades das cidades. Assim, o documentário apresenta-se como um método capaz de ampliar reflexões rumo à compreensão dos espaços urbanos com potencialidades no âmbito acadêmico. Apesar de áreas como Antropologia e Etnografia já utilizarem este método há décadas, os métodos clássicos de aproximação e leitura da cidade no âmbito da Arquitetura e Urbanismo não costumam envolver o uso do audiovisual e do documentário. Esse fator tornou a ocasião da disciplina um momento de experimentação e discussão crítica, tanto sobre o espaço urbano quanto sobre a linguagem de documentário em si.

Procurando contemplar essa reflexão, a disciplina “Documentário e cidade: pensamento crítico e experimentação” teve como proposta aproximar os campos disciplinares da Arquitetura e do Cinema através da ponte entre a cidade e o documentário. Para isso, a disciplina contou com a aproximação entre o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, com o Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, da Universidade Federal de São Carlos. Procurou-se, portanto, verificar limites e potencialidades da utilização do documentário e de narrativas audiovisuais como meio de aproximação e representação de espaços urbanos e suas dinâmicas. A disciplina ocorreu no segundo semestre de 2016 e teve em seu corpo estudantes de pós-graduação e alunos ouvintes com formações em diferentes áreas do conhecimento, principalmente áreas correlatas à Comunicação Social, Cinema e Arquitetura e Urbanismo, vindos de ambas universidades, Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de São Carlos.

O documentário torna-se um *locus* de comunicação e reflexão conjunta, que tem potencialidade para promover altos níveis de experimentação, trazendo informações e debates que são difíceis de serem reproduzidos em outros formatos. Para o campo da Arquitetura, especificamente, a aproximação e diálogo com o documentário amplia, adensa e enriquece formas que a Arquitetura e o Urbanismo já possuem de registro do espaço e leitura, com contribuições particulares.

Tendo esses aspectos em vista, o documentário pode ser entendido como uma representação criativa e sensível do mundo em que vivemos, um método de pesquisa e também uma forma de leitura. De maneira geral, a potencialidade do documentário às pesquisas acadêmicas reside em trazer contribuições ao debate que outros formatos e métodos mais clássicos possuem mais dificuldade em trazer. As possibilidades de composição a partir de imagens em movimento e sonoridades extraídas das dinâmicas urbanas podem produzir materiais audiovisuais bastante expressivos que permitem representar a cidade e as relações que a constituem de forma mais complexa e sensível. São composições de tensões, presenças, depoimentos, ações, sentimentos, olhares, percepções e experimentações que dificilmente um texto escrito seria capaz de traduzir.

A produção de documentário possibilita a representação de um fragmento do mundo em que vivemos, de uma possível perspectiva sobre um recorte de uma dada realidade que se apresenta ao público como uma possibilidade de análise crítica e reflexiva sobre determinado fenômeno. Reconhece-se a importância da integração da metodologia fílmica em diversos campos do conhecimento, especialmente as ciências humanas, no sentido de promover o conhecimento de diferentes contextos e culturas, assim como Ramos e Serafim (2007) defendem.

Deste modo, buscou-se ao longo da disciplina refletir e analisar como o audiovisual pode ampliar os instrumentos para leitura e expressão dos espaços agregando práticas, significados e saberes; não só para a Arquitetura, mas também para outros campos de conhecimento, possibilitando a sensibilização e potencialização do entendimento de determinado tema. Acredita-se que a aproximação de campos de conhecimentos distintos possibilita a constituição de trabalhos e reflexões coletivas que alimentam perspectivas metodológicas transdisciplinares fundamentadas em diversos aportes teóricos e práticos que, por sua vez, engendram potentes processos de produção e compartilhamento de conhecimento.

Documentários, estéticas e fragmentos

O resultado dado pelo conjunto dos documentários da disciplina foi heterogêneo, tanto em relação aos temas quanto aos aspectos e fragmentos urbanos representados, além das opções estéticas diferentes entre si.

Os documentários produzidos pela disciplina podem ser encontrados ao fim do texto para visualização, contudo no presente momento cabe uma apresentação breve, com uma sinopse dos mesmos. Foram produzidos cinco documentários, aqui publicados com a devida autorização de seus realizadores, apresentados em ordem alfabética:

Demolições

Realizadores: Nayara Benatti, Tássia Vasconcelos, Yasmin Bidim.



Fig. 1: Demolições. Fonte: Nayara Benatti, Tássia Vasconcelos, Yasmin Bidim, 2016.

Sinopse: "Demolições" é um documentário que discute o uso e, em muitas vezes, o descaso dos prédios antigos das cidades, especialmente aqueles localizados em centros comerciais. Esses prédios deixam de ser vistos por seu valor histórico, mas sim enquanto terra para construção de estabelecimentos com valor agregado - diversas casas demolidas dão lugar para estacionamentos privados, farmácias e outros estabelecimentos comerciais.

Os pedaços desmontados, como portas e janelas, são vendidos em lojas especializadas de demolição e constroem outras novas casas, dando um novo uso àqueles pedaços de prédios antigos. Você desmonta uma cidade que monta uma nova cidade; a primeira tinha um valor histórico, a segunda um valor comercial.

Hortalizar

Realizadores: Fernanda Ferrari, Mariah G. Di Stasi, Paulo Mendes.



Fig. 2: Hortalizar. Fonte: Fernanda Ferrari, Mariah G. Di Stasi, Paulo Mendes, 2016.

Sinopse: As cidades se consolidam cada vez mais aumentando sua densidade e gabarito. Crescem, em sua maioria, sem um planejamento adequado à qualidade de vida de seus habitantes resultando em espaços sem áreas de lazer adequadas e lotes para habitação cada vez menores. O sufocamento causado por essa direção de desenvolvimento das áreas urbanas causa um extravasamento na população, que se reflete de diversas formas.

O documentário Hortalizar apresenta uma das faces desse extravasamento, perpassando por hortas urbanas, que se consolidaram por meio de comunidades e ONGs, em meio à insatisfação por parte da população em relação aos alimentos ofertados pelo mercado, aos espaços vazios na malha urbana resultantes da especulação imobiliária, dentre outros fatores, conformando um refúgio.

Linha 58

Realizadores: Juliana Trujillo, Luis Jorge Ocasitas, Rafael Baldam, Thiago Rodrigues.



Fig. 3: Linha 58. Fonte: Juliana Trujillo, Luis Jorge Ocasitas, Rafael Baldam, Thiago Rodrigues, 2016.

Sinopse: Subir em um ônibus, atravessar a malha urbana e descer no seu destino. Que cidade existe entre os pontos inicial e final desse percurso? Ou, quantas cidades existem? O ponto de ônibus derradeiro é distante, é o objetivo de quem trabalha longe de casa, de quem dedica horas do seu dia para vencer o espaço e o tempo do caminho. O ônibus, agente do transporte, abriga, lota, para, é insuficiente. Deslocar-se pela cidade envolve escolhas e necessidades; coloca o olhar do usuário sobreposto ao sistema de transporte municipal. O atrito é iminente.

Observar a cidade através das lentes de uma câmera nos permite captar em detalhes a experiência dos diferentes atores que coexistem nesse sistema, possibilitando registrar ações imprevisíveis que emergem da relação entre eles.

Safe Place

Realizadores: Giovanna Consentini, Jéssica Tardivo, Sandra Schmitt Soster.



Fig. 4: Safe Place. Fonte: Giovanna Consentini, Jéssica Tardivo, Sandra Schmitt Soster, 2016.

Sinopse: Safe Place retrata situações de assédio em ambientes de condomínios fechados, lugares que são comumente classificados como seguros em relação a outros modelos residenciais. O quanto o espaço construído e vendido como refúgio é realmente um refúgio? Aprisionar-se em uma porção urbana isolada, murada e extremamente vigiada constitui refugiar-se dos males da sociedade atual?

Sexta na Praça

Realizadores: Luciana Roça, Maria Júlia Martins, Varlete Benevente.



Fig. 5: Sexta na Praça. Fonte: Luciana Roça, Maria Júlia Martins, Varlete Benevente, 2016.

Sinopse: Na Praça dos Pombos em São Carlos, interior de SP, vários adolescentes de diferentes bairros periféricos se encontram às sextas-feiras. A praça torna-se um refúgio temporário no qual os jovens criam oportunidades de convívio e diversão no espaço público, espaço muitas vezes renegado nas periferias e aos cidadãos de baixa renda.

Já através da breve apresentação dada pelas sinopses é possível verificar a diversidade de assuntos e de formas de abordagem. Tal diversidade foi um dos objetivos da disciplina, correspondido pelos participantes.

Os diversos aspectos da cidade foram contemplados através da proposta de seguir o tema "Refúgio", abordado pelos autores Can Altay e Philipp Misselwitz (2009). A palavra, que possui como um conceito comum a impressão de um lugar seguro, é resgatada pela sua etimologia que dirige para um retroceder, recuar, fugir de algo que se quer evitar. Os autores (Idem.) identificam três aspectos comuns a todos os refúgios: um conflito não resolvido, que acarreta em um deslocamento voluntário ou forçado, como expulsão ou fuga da agressão; o espaço do refúgio são estabelecidos através de uma fronteira que claramente divide e aliena determinado território, seja através de barreiras físicas ou simbólicas; e, finalmente, têm seu funcionamento marcado pela suspensão de regras vigentes, de forma espontânea ou de forma obrigatória. Tal conceito de refúgio não trata de um pessimismo, mas conduz a uma chave de leitura diferente na qual podem ser compreendidos aspectos positivos ou negativos da cidade.

Os documentários produzidos trouxeram diferentes aspectos das dinâmicas da cidade de São Carlos nas quais podem-se observar, em alguma medida, as noções apresentadas pelos autores citados anteriormente sobre o conceito "refúgio". Os



temas problematizados nos vídeos puderam ser analisados e debatidos conjuntamente, possibilitando a discussão entre os participantes.

Quando filmamos em contextos culturais e meios sociais diferentes daqueles do pesquisador, é necessário combater os estereótipos e as ideias pré-concebidas e desenvolver uma atitude de autocrítica. (RAMOS, SERAFIM, 2007)

Além da ampliação dos debates urbanos, tal exercício possibilitou a reflexão e experimentação dos diferentes modos de se fazer documentários. Como resultado, foram produzidos documentários que apresentaram opções estéticas variadas que possibilitaram reflexões sobre potencialidades e limites que as escolhas podem oferecer em relação ao que se deseja comunicar e apresentar.

Outra reflexão que merece destaque relatada pelos participantes em relação às experiências e trocas realizadas ao longo da disciplina foi a importância que o processo de produção do documentário teve em suas percepções e práticas como documentaristas-pesquisadores. Além disso, relatos de surpresas e imprevistos, negativos ou positivos, permearam as gravações dos realizadores, que se viram diante de novas ações que não estavam no roteiro. Dessa forma, os realizadores haviam de ter desenvoltura e destreza para combinar as ações inesperadas com sua concepção do documentário, entendendo o imprevisto e também inserindo-o no documentário.

Segundo os participantes a imersão em campo para a captação das imagens e sons foram relatados como momentos bastante ricos para conhecimento e troca com os atores de seus temas. O encontro com o "outro", com a alteridade que se apresenta na experiência em campo, produz tensionamentos e reconfigurações nos limites conceituais dos pesquisadores estimulando reflexões que, de outro modo, não seriam possíveis sem o encontro e troca com os atores locais.

Na experiência em campo o pesquisador se depara com elementos e situações inesperados que não foram pensadas no roteiro inicial, conhece personagens e decifra histórias que pertencem ao universo da cidade e, através da câmera registra fragmentos de tal complexidade e riqueza das dinâmicas urbanas. Ao distanciar-se para elaborar análise e estabelecer o roteiro de edição o documentarista elabora um discurso audiovisual composto de suas reflexões e do que foi encontrado em campo. Nessa perspectiva, o documentarista não é neutro ao formar uma representação de mundo.

Os documentários produzidos foram percebidos pelos realizadores, também, como um recurso potente de sensibilização e publicização de determinado tema, uma vez que o documentário é capaz de revelar diversas ocupações e dinâmicas da cidade complementando métodos de pesquisa tradicionais.

Boas notícias

Um dos elementos que podem ser destacados no contexto contemporâneo das cidades é a presença cada vez mais contundente das tecnologias de comunicação e informação, especialmente em relação à veiculação e produção de imagens em decorrência ao acesso a dispositivos portáteis de gravação e redes sociais. Desta constatação, desdobra-se a necessidade de ações que promovam leituras críticas e canais de troca e discussão. Assim, a proposta da disciplina abarca inovação e acesso à informação e conhecimento. O ato de unir programas de pós-graduação distintos,



aliando diferentes campos do conhecimento de forma integrada, apresenta-se como um aspecto que deve ser continuado. O uso do audiovisual e do documentário para entender dinâmicas da cidade vai além de seu aspecto de experimentação: ela também se dá em relação à ampliação de métodos de pesquisa, divulgação científica e de conhecimento, extensão acadêmica e estreitamento das relações entre Academia e Sociedade.

A combinação de som e imagem promove não apenas níveis de experimentação, mas configura-se também como uma forma de abordagem à cidade e sua complexidade. O processo de concepção, inserção dos documentaristas em determinado contexto e a presença dos equipamentos alteram as dinâmicas e colocam em jogo outras relações. Dessa maneira, sendo um observador de um dado contexto, o documentarista pode ter elucidações que trazem aproximações e compreensões do que lhe era externo anteriormente, testando também suas próprias fronteiras e refúgios; além disso, a produção audiovisual de documentário também se configura como uma linguagem expressiva e que também é difundida a outros. O audiovisual, e em especial o documentário, traz informações que são difíceis de serem captadas por outros métodos mais clássicos de pesquisa, sendo que o próprio processo de fazer documentário inclui métodos de pesquisa que trazem situações diferentes nas quais o documentarista se insere.

A ampliação dos métodos de pesquisa é necessária tanto no âmbito de pesquisa, para se conseguir captar e compreender dinâmicas que são mais difíceis serem percebidas por outros métodos, quanto no âmbito da divulgação. A latente necessidade de atender divulgação de desenvolvimento científico, bem como promover atividades de extensão acadêmica, podem também ser atendidas através da produção e exibição de documentário, aproximando a comunidade acadêmica com a sociedade.

Ao possibilitar olhares e representações plurais sobre determinados aspectos do mundo, tais usos do documentário se configuram como um respiro ao combater momentos tão difíceis. A busca de compreensão e de entendimento do outro, e o autoexame para situar-se no mundo, ambos promovidos pelo processo do documentário seja em seu processo de realização ou em sua apreciação, são aspectos muito positivos dados por essa prática de representação criativa do mundo. Além disso, a variedade de meios e linguagens é muito preciosa para compor essas representações.

Documentários

Os documentários produzidos para disciplina são aqui publicados com a devida autorização de seus realizadores.

Demolições

Realizadores: Nayara Benatti, Tássia Vasconcelos, Yasmin Bidim.

<https://www.youtube.com/watch?v=OBl1yG5HcjA>



Hortalizar

Realizadores: Fernanda Ferrari, Mariah G. Di Stasi, Paulo Mendes.

<https://www.youtube.com/watch?v=HuAYGhJeoU>

Linha 58

Realizadores: Juliana Trujillo, Luis Jorge Ocasitas, Rafael Baldam, Thiago Rodrigues.

<https://www.youtube.com/watch?v=vhvFaATWGE>

Safe Place

Realizadores: Giovanna Consentini, Jéssica Tardivo, Sandra Schmitt Soster.

<https://www.youtube.com/watch?v=g1iISp1qXyq>

Sexta na Praça

Realizadores: Luciana Roça, Maria Júlia Martins, Varlete Benevente.

https://youtu.be/NCbLTB_sPpk

REFERÊNCIAS

MISSELWITZ, Philipp; ALTAY, Can. Refuge: architectural propositions for unbound spaces. In: RIENIETS, Tim; SINGLER, Jennifer; CHRISTIAANSE, Kees (Ed.). **Open City: designing coexistence**. Amsterdam: Netherlands Architecture Institute, 2009. p. 220-256.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2010.

RAMOS, Natália.; SERAFIM, José Francisco. Cinema documentário, pesquisa e método: desafios para os estudos interdisciplinares. **Revista Contracampo**, n. 17, p. 163-178. Niterói: UFF, 2007. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/358> . Acesso em: 16 jun. 2015.

À PROPOS de Nice. Direção: Jean Vigo. Gaumont - França, 1930. 22 min. PB, 35 mm. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=24Ti_8c6qjI. Acesso em: 4 mai. 2016.

BERLIM, sinfonia de uma grande cidade (Berlin, die symphonie der groBstadt). Direção: Walter Ruttmann. Fox Europa Film - Alemanha, 1927. 61 min. PB, 35 mm.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zg353U4QpxA>. Acesso em: 4 mai. 2016.

JOGO de cena. Direção: Eduardo Coutinho. Videofilmes / Matizar - Brasil, 2007. 105 min. Color, 35 mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=klnANmeeDHs>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MORRO dos Prazeres. Direção: Maria Augusta Ramos. Nofoco Filmes / Key Docs - Brasil/Holanda, 2013. 57 min. Color, Digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ffMX0eN7h5w>. Acesso em: 4 mai. 2016.